

A ABÓBODA

Alexandre Herculano

CAPÍTULO I – O cego

O dia 6 de Janeiro do anno da Redempção 1401 tinha amanhecido puro e sem nuvens: os campos, cubertos aqui de relva, acolá de searas, que cresciam a olhos vistos com o calor benefico do sol, verdejavam ao longe, ricos de futuro para o pegureiro e para o lavrador. Era um destes formosissimos dias de inverno, mais gratos que os do estio, porque sao de esperança, e a esperança vale mais do que a realidade; destes dias, que Deus so concedeu aos paizes do occidente, em que os raios do sol, que começa a subir na ecliptica, estirando-se vividos e tremulos por cima da terra, ennegrecida pela humidade, errando por entre os troncos pardos dos arvoredos, despidos pelas geadas, se assemelham a um bando de creancas no primeiro vico da vida a folgar e a rolar-se por cima da campã, sobre a qual ha muito sussurrou o ultimo ai da saudade, e que invadiram os musgos e abrolhos do esquecimento. Era um destes dias antipathicos aos poetas ossianico-regelo-nevoentos, que querem fazer-nos acceitar como cousa mui poetica

Esses gelos do norte, esses brilhantes

Caramellos dos tópes das montanhas, sem se lembrarem de que

Do sol do meio-dia aos raios vividos,

Parvos!—se lhes derretem: a brancura

Perdem co'a nitidez, e se convertem

De lucidos cristaes em agua chilre;

destes dias, emfim, em que a natureza sorri como a furto, rasgando o denso veu da estação das tempestades.

No adro do mosteiro de Santa Maria da Victoria, vulgarmente chamado da Batalha, fervia o povo entrando para a nova igreja, que de mui pouco tempo servia para as solemnidades religiosas. Os frades dominicanos, a quem elrei D. João I tinha doado esse magnifico mosteiro, cantavam a missa do dia debaixo daquellas altas abobadas, onde repercutiam os sons do organ, e os ecchos das vozes do celebrante, que entoava os kyries.

Mas não era por ouvir a missa conventual que o povo se escoava pelo profundo portal do templo para dentro do recinto sonoro daquella maravilhosa fabrica: era por assistir ao auto da adoração dos reis, que com grande pompa se havia de celebrar nessa tarde dentro da igreja, e diante do rico presepe que os frades tinham alevantado juncto ao arco da capella do fundador entao apenas comecada. A concorrencia era grande, porque os habitantes da Canoeira, d'Aljubarrota, de Porto-de-Mos e dos mais logares vizinhos, desejosos de ver tao curioso espectaculo, tinham deixado desertas as povoacoes para vir povoar por algumas horas o ermo do mosteiro. Aprazivel cousa era o ver, descendo dos outeiros para o valle por sendas torcidas, aquellas multidoes, vestidas de cores alegres, e semelhantes no seu todo a serpentes immensas, que, transpondo as assomadas, se rolassem pelas encostas abaixo, reflectindo ao longe as cores variegadas da pelle luzidia e lubrica. Atravessando a planicie, em que avultava o mosteiro, passava o rio Lena, cuja corrente tinham tornado caudal as chuvas da primeira metade da estação invernosã.

No campo contiguo ao edificio, aqui e acolá, alevantavam-se casarias irregulares, algumas fechadas com suas portas, outras apenas cubertas de madeira, e abertas para todos os lados, a maneira de simples telheiros: as casas fechadas e reparadas contra as injurias do tempo eram as moradas dos mestres e artifices que trabalhavam no edificio: debaixo dos telheiros viam-se, n'uns pedras so desbastadas, n'outros algumas onde se comecavam a divisar labores, n'outros, emfim, pedacos de cantaria, em que os mais habeis esculptores e entalhadores já tinham estampado os primores dos seus

delicados cinzeis. Mas o que punha espanto era a innumeravel porcao de pedras, lavradas, polidas, e promptas para serem collocadas em seus logares, que jaziam espalhadas pelo grandissimo terreiro, que ao redor do edificio se alargava para todos os lados: maineis rendados, pecas dos fustes, capiteis gothicos, lacarias de bandeiras, cordoes de arcadas, ahi estavam tombados sobre grossas zorras, ou ainda no chao endurecido pelo continuo perpassar de trabalhadores, officiaes, e mais obreiros desta maravilhosa machina. Quem de longe olhasse para aquelle extenso campo, alastrado de tantos primores de esculptura, julgara ver o assento de uma cidade antiquissima, arrasada pela mao dos homens ou dos seculos, de que so restara em pe um monumento, o mosteiro. E todavia, esses que pareciam restos de uma antiga Balbek não eram senao algumas pedras que faltavam para o acabamento d'um convento de frades dominicanos, o convento de Sancta Maria da Victoria, vulgarmente chamado a Batalha!

Um quadrante de pedra, assentado em um canto do adro, apontava meio-dia. A igreja tinha sorvido dentro do seu seio desmesurado os habitantes das proximas povoações, e de todo o ruido e algazarra que poucas horas antes soava por aquelles contornos, apenas traspassavam pelas frestas e portas do templo os sons do organ, soltando a espacos suas melodias, que sussurravam e morriam ao longe, suaves como um pensamento do ceu.

Não estava, porem, inteiramente ermo o terreiro da frontaria do edificio. Assentado sobre um troco de fuste, com os pes ao sol, e o resto do corpo resguardado de seus raios ardentes pela sombra de um telheiro, a qual se comecava a prolongar para o lado do oriente, via-se um velho, veneravel de aspecto, que parecia embebido em profundas meditacoes: pendia-lhe sobre o peito uma comprida barba branca: tinha na cabeça uma touca foteada, um gibao escuro vestido, e sobre elle uma capa curta ao modo antigo. A luz dos olhos tinha-lha de todo apagado a velhice; mas as suas feicoes revelavam que dentro daquelles membros tremulos e enrugados morava um animo rico de alto imaginar: as faces do velho eram fundas, as macans do rosto elevadas, a fronte espacosa e curva, e o perfil do rosto quasi perpendicular. Tinha a testa enrugada como quem vivera vida de continuo pensar, e correndo com a mao os lavores de pedra, sobre que estava assentado, ora carregando o sobrolho, ora deslizando as rugas da fronte, reprehendia ou approvava com eloquencia muda os primores ou as imperfeicoes do artifice, que copiara a ponta de cinzel aquella pagina do immenso livro de pedra, a que os espiritos vulgares chamam simplesmente o mosteiro da Batalha.

Emquanto o velho scismava sosinho, e palpava o canto subtilmente lavrado, sobre que repousava os membros entorpecidos, a portaria do mosteiro, que perto d'alli ficava, outras figuras e outra scena se viam. Dous frades estavam em pe no limiar da porta, e altercavam em voz alta: de vez em quando, pondo-se nos bicos dos pes, e estendendo os pescocos, parecia quererem descubrir no horisonte, que as cumiadas dos montes fechavam, algum objecto: depois de assim olharem um pedaco, encolhiam os pescocos, e voltando-se um para o outro, travavam de novo renhida disputa, que levava seus visos de não acabar.

"Oh homem!—dizia um dos dous frades, a quem a tez macilenta e as barbas e cabellos grisalhos davam certo ar de auctoridade sobre o outro, que mostrava nas faces coradas e cheias, e na cor negra da barba povoada e revolta, mais vigor de mocidade.—Ja disse a vossa reverencia, que elrei me escreveu de seu proprio punho que viria assistir ao auto da adoração dos reis, e de caminho veria a casa do capitulo, a que hontem mestre Ouguet mandou tirar os simples que sustentavam a abobada."

"E nego eu isso?—replicou o outro frade.—O que digo e que me parece impossivel, que elrei venha de feito, conforme a vossa paternidade prometteu em sua carta. Ha muito que la vae o meio-dia; daqui a pouco tocara a vespervas e as duas por tres e noite. não vedes, padre mestre, a que horas vira a acabar o auto? E este povo, este devoto povo que ahi esta, que ahi vem, ha-de ir com o escuro por esses descampados e serras com mulheres, com raparigas..."

"Ta, ta—interrompeu o prior.—Temos luar agora, e vao de consum. O caso não e esse, padre procurador, o caso e se esta tudo aviado para agasalharmos elrei e os de sua companhia."

"Oh la, quanto a isso, nada falta. Desde hontem que tenho tido tanto descanso como hoste ou cavalgada de castelhanos diante das lancas do Condestavel: o peor e que, segundo me parece, e dizeei o que quizerdes, opus et oleum perdi."

"Nao falta quem tarda: elrei não quebrara a palavra ao seu antigo confessor. O que quero e que todos os novicos e coristas, que tem de fazer suas representacoes no auto, estejam a ponto e vestidos, para elle comecar logo que sua senhoria chegue."

"Nada receeis; que tudo esta preparado: do que duvido e de que comecemos, se por elrei houvermos de esperar."

O frade mais velho fez a estas palavras um signal de impaciencia, e sem dar resposta ao seu pyrrhonic interlocutor, estendeu outra vez o gasnate para a banda da estrada, fazendo com a extremidade do habito uma especie de sobreceuo para resguardar os olhos dos raios do sol, que, já muito inclinado para o occidente, batia de chapa no portal onde os dous reverendos estavam altercando.

Porem, meio descorocado, o dominicano logo abaixou os olhos: nem o minimo vulto se enxergava no horisonte; e neste abaixar de olhos viu o cego, que estava ainda assentado sobre o fuste da columna.

Para escapar talvez as reflexoes do seu companheiro, o reverendo bradou ao velho:

"Oh la, mestre Affonso Domingues, bem aproveitaes o soalheiro! não vos quero eu mal por isso; que um bom sol de inverno vale, na idade grave, mais que todos os remedios de longa vida, que em seus alforjes trazem por ahi os physicos."

Dizendo e fazendo, o reverendo desceu os degraus do portal, e encaminhou-se para o cego.

"Quem e que me fala?—perguntou este, alcando a cabeça.

"Fr. Lourenco Lamprea, vosso amigo e servidor, honrado mestre Affonso. Tao esquecida anda já minha voz em vossas orelhas, que me não conheceis pela toada?"

"Perdoae-me, mui devoto padre prior:—atalhou o velho, tenteando com os pes o chao para erguer-se, no momento em que Fr. Lourenco Lamprea chegava juncto delle seguido do seu confrade Fr. Joanne, procurador do mosteiro:—perdoae-me! Foi-se o ver, vae-se o ouvir. Em distancia, já não acerto a distinguir as falas."

"Estae quedo; estae quedo, mestre Affonso:—disse Fr. Lourenco, segurando o cego pelo braco:—O indigno prior do mosteiro da Victoria não consentira que o mui sabedor architecto e imaginador Affonso Domingues, o creador da oitava maravilha do mundo, o que tracou este edificio doado pelo virtuoso de grandes virtudes rei D. João a nossa ordem, se alevante para estar em pe diante de pobre frade..."

"Mas esse religioso—interrompeu o cego—e o mais abalisado theologo de Portugal, o amigo do mui excellente doutor João das Regras, e do grande Nunalvares, e privado e confessor d'elrei: Affonso Domingues e apenas uma sombra de homem, um troco de capitel partido e abandonado no po das encruzilhadas, um velho tonto de quem já ninguem faz caso. Se vossa caridade e humildosa condicao vos movem a doer-vos de mim e a lembrar-vos de que fui vivo, não achareis n'isso muitos de vossa igualha."

"De merencorio humor estaes hoje:—disse o prior sorrindo.—Nao so eu vos amo e venero: elrei me fala sempre de vos em suas cartas. não sois cavalleiro de sua casa? E a avultada tenca que vos concedeu em paga da obra que tracastes, e dirigistes, em quanto Deus vos concedeu vista, não prova que não foi ingrato?"

"Cavalleiro!?"—bradou o velho—"Com sangue comprei essa honra! Comigo trago a escriptura."—Aqui mestre Affonso, puxando com a mao tremula as atacas do gibao, abriu-o e mostrou duas largas cicatrizes no peito.—"Em Aljubarrota foi escripto o documento a ponta de lanca por mao castelhana: a essa mao devo meu foro, que não ao Mestre d'Aviz. já la vao quinze annos! Entao ainda estes olhos viam claro, e ainda para este braco a acha d'armas era brinco. Elrei não foi ingrato, dizeis vos, veneravel prior, porque me concedeu uma tenca!?"—Que a guarde em seu thesouro; porque ainda as portas dos mosteiros e dos castellos dos nobres se reparte pao por cegos e por aleijados."

Proferindo estas palavras, o velho não pode continuar: a voz tinha-lhe ficado presa na garganta, e dos

olhos embaciados cahiam-lhe pelas faces encovadas duas lagrymas como punhos. A Fr. Lourenco tambem se arrasaram os olhos d'agua, Frei Joanne, esse olhou fito para o cego durante algum tempo com o olhar vago de quem não o comprehendia. Depois a idea da tardanca d'elrei e da tardanca do auto, que entrando pelas horas de ceiar e dormir iria fazer uma brecha horrorosa na disciplina monastica, veio desperta-lo como espinho pungente. Começou a bufar e a bater o pe, semelhante ao corredor brioso do livro de Job e da Eneida. Entretanto o architecto havia-se posto em pe: um pensamento profundamente doloroso parecia reverberar-lhe pela fronte nobre e turbada, e houve um momento de silencio. Por fim segurando com forza a manga do habito de Fr. Lourenco, disse-lhe:

"Sois letrado, reverendo padre: deveis ter visto algum traslado da Divina Comedia do florentino Dante."

"Li ja, e mais de uma vez:—respondeu o prior:—E obra prima daquellas a que os gregos chamavam epos, id est, enarratio, et actio segundo Aristoteles; e se não houvesse nessa escriptura algumas ousadias contra o papa..."

"Pois sabei, reverendo padre,—proseguiu o architecto, atalhando o impeto erudito do prior,—que este mosteiro, que se ergue diante de nos, era a minha Divina Comedia, o cantico da minha alma: concebi-o eu; viveu comigo largos annos, em sonhos e em vigilia: cada columna, cada mainel, cada fresta, cada arco era uma pagina de cancao immensa; mas cancao que cumpria se escrevesse em marmore, porque so o marmore era digno della: os milhares de labores que tracei em meu desenho eram milhares de versos; e porque ceguei arrancaram-me das maos o livro, e nas paginas em branco mandaram escrever um estrangeiro! Loucos! Se os olhos corporaes estavam mortos, não o estavam os do espirito. O estranho a quem deram meu cargo não me entendia, e ainda hoje estes dedos descobriram nessa pedra que o meu alento não a bafejara. Que direito tinha o Mestre d'Aviz para sulcar com um golpe do seu montante a face de um archanjo que eu creara? Que direito tinha para me espremer o coração debaixo dos seus capatos de ferro? Dava-lh'o o ouro que tem dispendido? O ouro! ... não! O Mestre d'Aviz sabe que o ouro e vil; so nobre e puro o genio do homem. Enganaram-no: vassallos houve em Portugal, que enganaram seu rei! Este edificio era meu; porque o gerei; porque o alimentei com a substancia de minha alma; porque eu necessitava de me converter todo nestas pedras pouco a pouco, e de deixar, morrendo, o meu nome a sussurrar perpetuamente por essas columnas, e por baixo dessas arcarias. E roubaram-me o filho da minha imaginação, dando-me uma tenca!... Com uma tenca paga-se a gloria e a immortalidade? Agradeco-vos, senhor rei, a merce!... sois em verdade generoso ... mas o nome de mestre Ouguet enredar-se-ha no meu, ou talvez sumira este no brilho de sua fama mentida..."

O cego tremia de todos os membros: a vehemencia com que falara lhe exaurira as forcas: os joelhos vergaram-lhe, e assentou-se outra vez em cima do fuste. Os dous frades estavam em pe diante d'elle.

"Estaes mui perturbado pela paixao, mestre Affonso—disse Fr. Lourenco depois de uma larga pausa—por isso menoscabaes mestre Ouguet, que era talvez o unico homem que ahi havia capaz de vos substituir. Quanto a vos, pensaram os do conselho d'elrei que deviam propor-lhe vos desse repouso e honrado sustentamento para os cansados dias. Ninguem teve em mente offender o mais sabedor e experto architecto de Portugal, cuja memoria sera eterna, e nunca offuscada."

"Obrigado—atalhou o velho—aos conselheiros d'elrei pelos bons desejos que em meu prol tem. Sao politicos, almas de lodo, que não comprehendem senao proveitos materiaes. Dao-me o repouso do corpo, e assassinam-me o da alma! Acerca de mestre Ouguet, não serei eu quem negue suas boas manhas e sciencia de edificar: mas que ponha elle por obra suas tracas, e deixem-me a mim dar vulto as minhas. E demais: para entender o pensamento do mosteiro de Sancta Maria da Victoria cumpre ser portuguez; cumpre ter vivido com a revolucao, que poz no throno o Mestre d'Aviz; ter tumultuado com o povo defronte dos pacos da adultera; ter pelejado nos muros de Lisboa; ter vencido em Aljubarrota. não e este edificio uma obra de reis, ainda que por um rei me fosse encommendado seu desenho e edificação, mas nacional, mas popular, mas da gente portugueza, que disse: não seremos servos do estrangeiro, e que provou seu dicto. Mestre Ouguet, escholar na sociedade dos irmaos obreiros, trabalhou nas ses de Inglaterra, de Franca, e de Alemanha: ahi subiu ao grau de mestre, mas a sua alma não e aquecida a luz do amor de patria; nem, que o fosse, e para elle patria esta terra portugueza. Por engenho e maos de portuguezes devia ser concebido e executado ate seu final remate

o monumento da gloria dos nossos; e eis-ahi que elle chamou do longes terras officiaes estranhos, e os naturaes la foram mandados adornar de primorosos lavores a igreja de Guimaraes. Sei que não seriam nem elles nem eu quem puzesse esse remate; mas nos deixariamos successores, que conservassem puras as tradicoes da arte. Perder-se-ha tudo; e, porventura, tempo vira em que, nesta obra dos seculos, não haja maos vigorosas que prosigam os lavores que maos cansadas não poderam levar a cabo. Entao o livro de pedra, o meu cantico de victoria, ficara truncado. Mas Affonso Domingues tem uma pensao d'elrei!.."

Em uma das casas que ficavam mais proximas, e de que fizemos mencao no principio deste capitulo, ergueu-se a adufa de uma janella no momento em que o cego terminava estas palavras, e uma velha, em cuja cabeça alvejava uma toalha mui branca, gritou da janella:

"Mestre Affonso, quereis recolher-vos? Esta prompta a cea, e comeca a cahir a orvalhada, que a tarde vae nevoenta."

"Vamos la, vamos la, Anna Margarida; vinde guiar-me."

E Anna Margarida, ama de mestre Affonso Domingues, saiu da porta com a roca ainda na cincta, e o fuso espetado entre o linho e o ourelo que o apertava. Chegando ao pe do velho, tocou-lhe com o braco, em que elle se firmou, tornando a erguer-se.

"Boas tardes, padre prior:—disse a ama, fazendo sua mesura, seguida de um lamber de dedos, e de dous puxoes nas barbas da estriga quasi fiada.

"Va na graca do Senhor, filha:—respondeu Fr. Lourenco, e accrescentou dirigindo-se ao cego:

"Meu irmao, Deus aceita so ao homem, em desconto da grande divida, a dor calada e soffrida. Resignae-vos na sua divina vontade."

"Na delle estou eu resignado ha muito: na dos homens e que nunca me resignarei."

E Anna Margarida, que tinha a cea ainda ao lume, foi puxando o cego para a porta de casa.

"Ai, Affonso Domingues, Affonso Domingues! vae-se-te apos a vista o siso. Aborrida cousa e a velhice. não vos parece, Fr. Joanne?"

Isto dizia o prior, voltando-se para o outro frade, que suppunha estaria atraz delle; mas Fr. Joanne tinha desaparecido d'alli manso e manso. Alongando os olhos ao redor de si, Fr. Lourenco viu-o em pe sobre uma pedra a alguma distancia.

O prior ia a perguntar-lhe o que fazia alli, quando o reverendo procurador saltou a correr, bradando:

"Ganhastes, padre prior; ganhastes!... Eis elrei que chega."

E, com effeito, Fr. Lourenco, volvendo os olhos para o cimo de um outeiro, viu uma lustrosa companhia de cavalleiros, que com grande acodamento descia para o valle do mosteiro.

CAPÍTULO II – Mestre Ouguet

Uma das innumeraveis questoes, que, em nosso entender, eternamente ficarao por decidir, e a que versa sobre qual dos dous dictados—voz do povo e voz de Deus—ou—voz do povo e voz do diabo—seja o que exprima a verdade. E indubitavel que o povo tem uma especie de presciencia innata, d'instincto divinatorio. Quantas vezes, sem que se saiba como ou porque, corre voz entre o povo, que tal navio saido do porto, tao rico de mercadorias como de esperanças, se perdeu em tal dia e a tal hora em praias estranhas. Passa o tempo, e a voz popular renlisa-se com exaccao espantosa. Assim de batalhas; assim de mil factos. Quem da estas noticias? Quem as trouxe? Como se derramaram? Mystério e esse, que ainda ninguem soube explicar. Foi um anjo? Foi um demonio? Foi algum feiticeiro? Mystério. não ha, nem haverá, talvez, nunca, philosopho que o explique; salvo se tal phenomeno e uma das maravilhas do magnetismo animal. Esse meio inintelligivel de dar solucao a

tudo o que se não entende, e acaso a unica via de resolver a duvida. Se o e, ahi damos mais um osso a roer aos physicos do magnetismo.

Foi o caso: quando a cavalgada, de que fizemos mencao no fim do antecedente capitulo, vinha descendo a encosta sobranceira a planicie do mosteiro, entre o povo que estava dentro da igreja, impaciente já pela demora do auto, comecou-se a espalhar um sussurro, que cada vez crescia mais: o motivo delle não era facil sabe-lo: nenhuma novidade occorrera; ninguem tinha entrado ou saído. De repente toda aquella multidao se agitou, remoinhou pela igreja, e principiou a borbulhar pelo portal fora, como por bico de funil o liquido deitado de alto. Tinham sabido que elrei chegava, e todos queriam ve-lo descalvagar, porque D. João I, plebeu por heranca materna, nobre por ser filho do D. Pedro I, rei eleito por uma revolucao, e confirmado por cincoenta victorias, era o mais popular, o mais amado, e o mais acatado de todos os reis da Europa. Vinha montado em uma possante mula, e assim mesmo em outras os fidalgos e cavalleiros de sua casa. Trazia vestida sobre a cota uma jornea de veludo carmesim, monteira preta, e nebrí em punho, em maneira de cacada. Chegando a porta do mosteiro, onde o esperava já Fr. Lourenco com parte da communitade, apeou-se de um salto, e com rosto risonho e a mao no barrete, agradeceu sua cortezia e amor aos populares, que gritavam apinhados a roda delle: —"viva D. João I de Portugal: morram os castelhanos!"—grito absurdo, mas semelhante aos vivas de todos os tempos; porque o povo, bem como o tigre, mistura sempre com o rugido de amor o bramido que revela a sua indole sanguinaria.

Por baixo daquellas suberbas arcadas desapareceu brevemente elrei da vista da multidao, que tornou a sumir-se no templo para ver o auto, que não podia tardar.

"Mui receioso estava que vossa real senhoria nos não honrasse nosso auto; porque o sol não tarda a sumir-se no poente:—dizia Fr. Lourenco a elrei, a cujo lado ia para o guiar ao seu aposento.

"Bofe, mui devoto padre prior, que por pouco estive a ponto de ter que levar a vossos pes mais uma mentira com os outros peccados, que me não fallecem, se amanhan me quizesse confessar ao meu antigo confessor:—tornou-lhe elrei sorrindo-se.

"E certo estou de que entre todos os peccados de que terieis de vos accusar, este não fora o menos grave, e de que eu muito a custo absolveria vossa merce:—retrucou o prior, que tinha aprendido ainda mais depressa as manhas cortezans no paco, do que a theologia no noviciado da sua ordem.

"Mas para onde me guiaes, reverendissimo prior:—disse elrei, parando antes de subir uma escada, para a qual Fr. Lourenco o encaminhava.

"Ao vosso aposento, real senhor; por que tomeis alguma refeicao, e repouseis um pouco do trabalho do caminho."

"Nao foi grande o feito, para tomar repouso:—acudiu elrei:—que de Santarem aqui e uma corrida de cavallo; muito mais para quem, em vez de cota de malha, arnez e bracaes, traz vestidos de seda. Despi-los-hei bem depressa, já que elrei de Castella quer jogar mais lancadas, e não vieram a conclusao de treguas o Mestre de Sanctiago com o Condestavel. Mas vamos, meu doutissimo padre; mostrae-me a casa do capitulo, a que mestre Ouguet acabou de por seu fecho e remate. Onde esta elle? Quero agradecer-lhe a boa diligencia."

"Beijo-vos as maos pela merce:"—disse mestre Ouguet, que, sabendo da chegada d'elrei, e certo de que elle desejaria ver aquella grande obra, tinha corrido ao mosteiro, e estava entre os da comitiva: —"Se quereis ver a casa do capitulo, vamos para a banda da crasta."—Dizendo isto, sem cerimonia tomou a dianteira, e encaminhou-se ao longo de um dos cubertos do claustro.

David Ouguet era um irlandez, homem mediano em quasi tudo; em idade, em estatura, em capacidade, e em gordura, salvo na barriga, cujos tegumentos tinham soffrido grande distensao, em consequencia da dura vida que a tyrannia do filho d'Erin lhe fazia padecer havia bem vinte annos. Desde muito moco que comecara a produzir grande impressao no seu espirito a invectiva do apostolo contra os escravos do proprio ventre; e para evitar essa condemnavel fraqueza resolvera traze-lo sempre sopeado. não lhe dava treguas; se em Inglaterra o fizera muitos annos vergar sob o peso de dez atmosferas de cerveja, em Portugal submettia-o ao mais fadigoso mister de cangirao permanente. Mortificava-o assim, para que não lhe acudissem suberbas e velleidades de senhorio e

dominação. De resto David Ouguet era bom homem, excellente homem: não fazia aos seus semelhantes senão o mal absolutamente indispensável ao próprio interesse: nunca matara ninguém, e pagava com pontualidade exemplar ao alfaiate e ao merceiro. Prudente, positivo, e practico do mundo, não o havia mais: seria capaz de se empoleirar sobre o cadáver de seu pae para tocar a meta de qualquer designio ambicioso: com tres licções de phrases oucas dava panno para se engharem delle dous grandes homens d'estado. Tendo vindo a Portugal como um dos cavalleiros do duque de Lancastre, procurou obter e alcançou a protecção da rainha D. Philippa, que, havendo Affonso Domingues cegado, o fez nomear mestre das obras do mosteiro da Batalha, mostrando elle por documentos authenticos ter na sua mocidade subido ao grau de mestre na sociedade secreta dos obreiros edificadores.

Esta e em breve resumo a historia de David Ouguet, tirada de uma velha chronica, que, em tempos antigos, esteve em Alcobaca enquadernada em um volume junctamente com os traslados authenticos das Cortes de Lamego, do Juramento de Affonso Henriques sobre a apparicao de Christo, da Carta de feudo a Claraval, das Historias de Laimundo e Beroso, e de mais alguns papeis de igual veracidade e importancia, que por pirraca as nossas glorias provavelmente os castelhanos nos levaram.

O lanco da crasta, fronteiro ao cuberto por onde ia elrei, estava ainda por acabar. Apenas D. João I entrou naquelle magnifico recincto, olhou para la, e voltando-se para mestre Ouguet, disse:

"Parece-me que não vão tão aprimorados os labores daquellas arcarias como os destas. Que me dizeis, mestre Ouguet?"

"Seguiu-se a risca nesta parte—tornou o architecto—o desenho geral do edificio, feito por mestre Affonso Domingues; porque seria grave erro destruir a harmonia desta peça: mas se vossa merce m'o permite, antes de entrardes no capitulo tenho alguma cousa que vos dizer acerca do que ides presenciar."

"Falae desassombradamente:—respondeu elrei—que eu vos escuto."

"Tomei a ousadia—proseguiu mestre Ouguet—de seguir outro desenho no fechar da immensa abobada que cobre o capitulo: o que achei na planta geral contrastava as regras da arte, que aprendi com os melhores mestres de pedraria. Era até impossivel que se fizesse uma abobada tão achatada, como na primitiva traca se delineou: eu, pelo menos, assim o julgo."

"E consultastes o architecto Affonso Domingues, antes de fazer essa mudança no que elle havia tracado?—interrompeu elrei.

"Por escusado o tive:—replicou David Ouguet.—Cego, e por isso inhabilitado para levar a cabo a edificação, teimaria que o seu desenho se pode executar, visto que hoje ninguém o obriga a prova-lo por obras. Sobra-lhe orgulho: orgulho de imaginador engenhoso. Mas que vale isso sem a sciencia, como dizia o veneravel mestre Vilhelmo de Wykeham? Menos engenho e mais estudo, eis do que havemos mister."

"Dizendo isto o architecto, metterá ambas as mãos no cincto, estenderá a perna direita excessivamente empertigada, e com a fronte erecta voltou os olhos solemne e lentamente para os circumstantes.

"Mestre Ouguet—acudiu elrei com aspecto severo—lembrae-vos de que Affonso Domingues e o maior architecto portuguez. não entendo de vossas distincções de sciencia e de engenho: sei só que o desenho de Sancta Maria da Victoria causa assombro a vossos proprios naturaes, que se gabam de ter no seu paiz os mais affamados edificios do mundo: e esse mestre Affonso, de quem vos falaeis com pouco respeito, foi o primeiro architecto da obra que a vosso cargo está hoje."

"Vossa merce me perdoe:—tornou mestre Ouguet, adocicando o tom orgulhoso com que falara.—Longe de mim menoscabar mestre Domingues: ninguém o venera mais do que eu; mas queria dar a razão do que fiz, seguindo as regras do meu excellente mestre Vilhelmo de Wykeham, a quem devo o pouco que sei, e cuja obra da cathedral de Winchestria tamanho ruido tem feito no mundo."

Com este dialogo chegou aquella comitiva ao portal, que dava para a casa do capitulo: Fr. Lourenço Lamprea, como dono da casa, correu o ferrolho com certo ar de auctoridade, e encostado ao umbral cortejou a elrei no momento de entrar, e aos mais fidalgos e cavalleiros que o acompanhavam. Mestre

Ouguet, como pessoa tambem principalissima naquelle logar, collocou-se juncto do umbral fronteiro, repetindo, com aspecto sobranceiro-risonho, as mesuras do mui devoto padre prior.

Quando elrei entrou dentro daquella espantosa casa, apenas atraves da grande janella que a allumia entrava uma luz frouxa, porque o sol estava no fim de sua carreira, e o tecto profundo mal se divisava sem se affirmar muito a vista. Mestre Ouguet ficara a porta, mas Fr. Lourenco tinha entrado.

"Reverendo prior—disse elrei voltando-se para Fr. Lourenco—vim tarde para gosar desta maravilhosa vista: vamos ao auto da adoração, e amanha voltaremos aqui a horas de sol."

E seguiu para a banda da sacristia, cuja porta lhe foi abrir o prior.

Mestre Ouguet entrou na casa do capitulo, quando já os ultimos cavalleiros do sequito real iam saindo pelo lado opposto, caminho da igreja. Com as maos mettidas no cincto de couro preto que trazia, e a passo mesurado, o architecto caminhou ate o meio daquella desconforme quadra. O som dos passos dos cavalleiros tinha-se desvanecido; e mestre Ouguet dizia comsigo, olhando para a porta por onde elles haviam passado:

"Pobres ignorantes! que seria o vosso Portugal sem estrangeiros, senao um paiz safaro e inculto? Sois vos, homens brigosos, capazes dos primores das artes, ou sequer de entende-los?.. La vao, la vao os frades celebrar um auto! não serei eu que assista a elle; eu que vi os mysterios de Coventria e de Widkirk! Miseraveis selvagens, antes de tentardes representar mysterios fora melhor que mandasseis vir alguns irmaos da sociedade dos escrivaes de parochia de Londres [\[1\]](#), que vos ensinassem os verdadeiros momos, ademanes e tregeitos usados em semelhantes autos."

Mestre Ouguet estava embebido neste mudo soliloquio, em louvor da nação que lhe dava de comer, e o que deveria pesar-lhe ainda mais na consciencia, da nação que lhe dava de beber, quando erguendo casualmente os olhos para a macissa abobada, que sobre elle se arqueava, fez um gesto de indizível horror, e como doudo correu a bom correr pela crasta solitaria, apertando a cabeça entre as maos, e gritando a espacos:

"Oh, malaventurado de mim!"

CAPÍTULO III – O Auto

Juncto a uma das columnas da igreja de Sancta Maria da Victoria estava levantado um estrado, sobre o qual se via uma grande e macissa cadeira de espaldas, feita de castanho, e lavrada de curiosos bestiaes e labores: era este o logar onde elrei devia assistir ao auto da adoração dos reis. No mesmo estrado havia varios assentos rasos para nelles se assentarem os fidalgos e cavalleiros que o acompanhavam. Defronte do estrado e collocado ao pe do arco da capella do fundador corria para um e outro lado da parede um devoto presepio^[1], mui erguido do chao, e representando serranias agrestes, ao sope das quaes estava armada uma especie de choca, onde sobre a tradicional manjadoura se via reclinado o menino Jesus, e de joelhos juncto delle a Virgem e S. Jose, acompanhados de varios anjos, em acto de adoração. Diante da cabana corria, no mesmo nivel, um largo e grosseiro cadafalso de muitas taboas, para o qual, por um dos lados, davam serventia duas grossas e compridas pranchas de pinho, por onde deviam subir as personagens do auto.

Tanto que elrei saiu da porta do cruzeiro que da para a sacristia, encaminhou-se pela igreja abaixo, e veio assentar-se na cadeira de espaldas, conduzido por Fr. Lourenco, que com todos os modos de homem cortezao offereceu os assentos rasos aos demais cavalleiros e fidalgos.

Pela mesma porta da sacristia saíram logo as primeiras figuras do auto, que, descendo ao longo da nave, subiram ao cadafalso pelas pranchas de que fizemos mencao.

Estas primeiras figuras eram seis, formando uma especie de prologo ao auto. Tres que vinham adiante representavam a Fe, a Esperança, e a Caridade: apos ellas vinham a Idolatria, o Diabo, e a Suberba;

todas com suas insignias mui expressivas e a ponto; mas o que enlevava os olhos da grande multidão dos espectadores era o Diabo, vestido de pelles de cabra, e com um rabo que lhe arrastava pelo tablado, e seu forçado na mão, mui vistoso e bem posto. Feitas as venias a elrei, a Idolatria começou seu arrazoado contra a Fe, queixando-se de que ella a pretendia esbulhar da antiga posse em que estava de receber cultos de todo o genero-humano, ao que a Fe acudia com dizer que ab initio estava apontado o dia em que o imperio dos idolos devia acabar, e que ella Fe não era culpada de ter chegado tao asinha esse dia. Entao o Diabo vinha lamentando-se de que a Esperança começasse de entrar nos corações dos homens; que elle Diabo tinha jus antiquissimo de desesperar toda a gente; que se dava ao demo por ver as perrarias que a Esperança lhe fazia; e com isto careteava com taes momos e tregeitos, que o povo ria a rebentar, o mais devotamente que era possivel. Ainda que o Diabo fizesse de truaço da festa, nem por isso a sua contendora, a Esperança, dava descargo de si com menos compostura do que a tao honrada virtude cumpria, dizendo que ella obedecia ao senhor de toda las cousas, e que este vendo e considerando os grandes desvairios que pelo mundo iam, e como os homens se arremessavam desacordadamente no inferno, a mandara para lhes apontar o direito caminho do ceu; e por aqui seguia com razões mui devotas e discretas, que moveriam a devotissimas lagrymas os ouvintes, se a devoto riso os não movesse o Diabo com seus tregeitos e visagens, como, com bastante agudeza, reflecte o auctor da antiga chronica, de que fielmente vamos transcrevendo esta veridica historica. A Suberba, que estava impando, ouvidas as razões da Esperança, travou della mui riço, e com voz torvada e rosto acceso, começou de bradar, que esta dona era sandia, porque entendera enganar os homens com vaidades de incertos futuros, e sustenta-los com fumo; que pretendia contra toda a ordem de boa razão, que a gente vil houvesse igual quinhão no ceu com os senhores e cavalleiros, o que era descommunal ousadia, e fora da geral opiniao e direito, indo por aqui discursando com remoques mui orgulhosos, como a Suberba que era. não soffreu, porem, o animo da Caridade tao descomposto razão da sua figadal inimiga, e lh'o atalhou com tomar a mão naquella ponto, e notar que os filhos de Adao eram todos uns aos olhos do Todo-Poderoso; que a Suberba inventara as vans distincções entre os homens, e que a vida eternal mais amorosamente eram os pequenos e humildosos chamados, do que os potentes, o que provou claramente a sua contraria com bastos textos das sanctas escripturas, de que a Suberba ficou mui corrida, por não ter contra tao grande auctoridade resposta cabal. E acabado o dizer da Caridade, um anjo subiu ao cadafalso, para dar sua sentença, que foi mandar recolher ao abysmo a Idolatria, o Diabo e a Suberba, e annunciar as tres virtudes que as ia elevar ao ceu, onde reinariam em gloria perduravel. Entao o Diabo, fazendo horribilissimos biocos, pegou pelas mãos as duas companheiras, e fugiu pela igreja fora com grandes apupos e doestos dos espectadores. Guiando as tres virtudes, o anjo (por uma daquellas liberdades scenicas que ainda hoje se admittem, quando, nas vistas de marinha, o actor, que vem embarcado, desce dois ou tres degraus das ondas de papelao para a terra de soalho) em vez de subir ao ceu, como annunciara, desceu pelas pranchas, que davam para o pavimento da igreja, e caminhando ao longo da nave se recolheu a sacristia, acompanhado da Fé, Esperança e Caridade, tao victoriadas pelos espectadores, como apupado fora o Diabo e as suas infernaes companheiras.

Ainda bem não eram recolhidas estas figuras, quando, pela mesma porta do cruzeiro, saíram os tres reis magos, ricamente vestidos ao antigo, com roupas talaes de fina tela, mantos reaes, e coroas na cabeça. Adiante vinha Balthasar, homem já velho, mas bem disposto de sua pessoa, com aspecto grave e auctorizado, e com umas barbas, posto que brancas, bem povoadas: logo apos elle vinha o rei Belchior, e a este seguia-se Gaspar: traziam todos suas bocetas, em que eram guardados os preciosos dons, que ao recém-nascido vinham de longes terras offerter. Subindo ao cadafalso, disseram como uma estrella os guiara ate Jerusalem, e como desta cidade, depois de mui trabalhado e duvidoso caminho, tinham acertado em vir a Bethlem, e com grande folganca encontravam ahi o presepe, para fazer seu offertorio, o que em verdade era cousa mui piedosa d'ouvir. O rei Balthasar, como mais velho e sisudo, foi o primeiro que ajoelhou juncto do presepe, e com voz mui entoada, e depondo ante o menino seus presentes, disse:

Sancto filho de David, Divinal Salvador da triste raca Humanal, Que descestes la do assento Celestial; Vos da gloria imperador Eternal, Acceitae este offertorio não real, Pobre si. E quanto posso: não hei al. O que fora compridoiro De auto tal Bem o sei. Andei mas vias, Por meu mal; Que dez dias prantei tendas De arrayal Nas soidoes fundas d'Arabia, Mui fatal. Meus camellos ha tignano Sol mortal; E

um, de vento do deserto, Vendaval. O presente, que ahi vedes, Pouco vai; E somente algum incenso Oriental; Que o thesouro que eu trazia, Mui cabal, Soterrou-mo a tempestade No areal.

E com isto o veneravel rei Balthasar, depois de fazer sua oraçãõ em voz baixa, ergueu-se; e o rei Belchior, ajoelhando e depondo a urna que trazia nas maos ante o presepe, disse:

Vindo sou Ia do Cataio A adorar-vos alto infante, Redemptor: não me poz na alma desmaio Ser de lerra tao distante Rei, senhor! E bem torva a minha lace: Minhas maos tingidas sao De negrura; Mas na terra onde o sol nace Mais se cobre o coração De tristura; Porque o torpe Mafamede Sua crenca mui sandia Mandou la; E não ha quem della arrede Essa gente, que aperfia Em ser ma. Real tronco de Jesse Mui fermoso, se eu podera Vos levará; E comvosco a vossa fe Os increus eu convertera, E os salvara. Ora quero ver se peito Sao Jose, que e vosso padre

Um sussurro, que comecara no momento em que o rei preto ajoelhou, e que mal deixara ouvir a precedente loa (obra mui prima de certo leigo, affamado jogral daquelle tempo) cresceu neste momento a tal ponto, que o corista, que fazia o papel de Belchior, não pode, continuar, com grande dissabor do poeta, que via murchar a coroa de louros, que neste auto esperava obter. O povo agitava-se, e do meio delle saiam gritos descompostos, que augmentavam o tumulto. Elrei tinha-se erguido, e junctamente os demais cavalleiros e fidalgos: todos indagavam a origem do motim; mas não havia acertar com ella. Emfim, um homem rompendo por entre a multidao, sem touca na cabeça, cabellos desgrenhados, boca torcida e cuberto de escuma, olhos esgazeados, saltou para dentro da tea, que fazia um claro em roda do tablado. Apenas se viu dentro daquelle recinto, ficou immovel, com os bracos estendidos para o tecto, as palmas das maos voltadas para cima, e a cabeça encolhida entre os bombros, como quem cheio de horror via sobre si desabar aquellas altissimas e macissas arcarias.

"Mestre Ouguet!—exclamou elrei espantado.

"Mestre Ouguet!—gritou Fr. Lourenco, com todos os signaes de assombro.

"Mestre Ouguet!—repetiram os cavalleiros e fidalgos, para tambem dizerem alguma cousa.

"Quem fala aqui no meu nome?—rosnou David Ouguet, com uma voz comprimida e sepulchral.—Malvados! Querem assassinar-me?! Querem arrojá sobre mim esse montao de pedras, como se eu fora um cao judeu, que merecesse ser apedrejado?! Oh meu Deus, salvae a minha alma!"—E depois de um breve silencio, em que pareceu tomar folego:— "Nao vos chegueis ahi!—bradou elle.—Nao vedes essas fendas profundas como o caminho do inferno? Sao escuras: mas atravez dellas la enxergo eu o luar! Vos não, porque vossos olhos estao cegos ... porque o vosso bom nome não se escoá por la!... Cegos? não vos!... mas elle!... Elle e que se ri e folga em sua orgulhosa suberba! Vede como escancara aquella boca hedionda; como revolve, debaixo das palpebras cubertas de vermelhidao, aquelles olhos embaciados!... Maldicto velho, foge diante de mim!... Maldicto, maldicto!... Curvada já no centro ... sentia-a escalar e ranger... Estavas tu assentado em cima della? Feiticeiro!... Anda, que eu bem ouco as tuas gargalhadas!... não ha um raio que te confunda?... não!"

Dizendo isto, mestre Ouguet cubriu a cara com as maos, e ficou outra vez immovel.

Elrei, os cavalleiros, os padres mais dignos, que estavam de roda do estrado real, os reis magos, os populares, todos olhavam pasmados para o architecto que assim interrompera a solemnidade do auto. Um silencio profundo succedera ao ruido, que a apparicao daquelle homem desvairado excitara. Milhares de olhos estavam fitos nesse vulto, que semelhava uma larva de condemnado saida das profundezas para turbar a festa religiosa. Por mais de um cerebro passou este pensamento: em mais de uma cabeça os cabellos se ericaram de horror; mas dos que conheciam mestre Ouguet nenhum duvidou de que fosse elle em corpo e alma. Que proveito tiraria o demonio de tomar a figura do architecto para fazer uma das suas irreverentes diabruras? So uma supposicao havia, que não era inteiramente desarrazoada; David Ouguet podia estar possesso, em consequencia de algum grave peccado; peccado que talvez tivesse escondido na ultima confissao, que fizera na vespera de Natal. Isto era possivel, e ate natural; que não vivia elle a mais justificada vida. Suppor que endoudecera parecia grande desproposito; porque nenhum motivo havia para tal lhe acontecer, quando merecera os gabos d'elrei e de todos, por ter levado a cabo a grandiosa obra que lhe estava encommendada. Estes e outros raciocinios, hoje ridiculos, mas segundo as ideas daquelle epocha hem fundados e correntes,

fazia o reverendo padre procurador Fr. Joanne, que tinha vindo assistir ao auto, e estava em pe atraz do estrado, e perto de Fr. Lourenco Lamprea. Revolvendo taes pensamentos, no meio daquelle silencio ancioso em que todos estavam, não pode ter-se que, pe ante pe, se não chegasse ao prior, e lh'os communicasse em voz baixa, e ao ouvido.

"Nao vou fora disso:"—respondeu o prior, que, enquanto o outro frade lhe falara, estivera dando a cabeça em signal de approvação.—"O olhar espantado, o escumar, o estorcer os membros, o falar não sei de que feiticeiro; tudo me induz o crer que o demonio se chantou naquelle miseravel corpo, como vos aventaes. Se assim e, pouco juizo mostrou desta vez o diabo em vir com seus esgares e tropelias atalhar o mui devoto auto da adoração. Examinemos se assim e, eu vo-lo darei bem castigado."

Dizendo isto, Fr. Lourenco chegou-se a el-rei, e disse-lhe o que quer que foi. Elle escutou-o attentamente, e tanto que o prior acabou, sentou-se outra vez na sua cadeira de espaldas, e fez signal com a mao aos fidalgos e cavalleiros para que tambem se assentassem.

Fr. Lourenco, acompanhado de mais alguns frades, subiu pela igreja acima, e entrou na sacristia: todos ficaram esperando, silenciosos e immoveis como mestre Ouguet, o desfecho desta scena, que se encaixava no meio das scenas do auto.

Tinham passado obra de tres credos, quando, saindo outra vez da porta da sacristia, Fr. Lourenco voltou pela igreja abaixo, revestido com as vestes sacerdotaes, cbegou a tea, abriu-a, e encaminhou-se para mestre Ouguet. Depois, olhando de roda, e fazendo um aceno de aucloridade, disse:

"Ajoelhae, christaos, e orae ao Padre Eterno por este nosso irmao, tomado do espirito immundo."

A estas palavras, rei, cavalleiros, frades, povo, tudo se poz de joelhos. E ouvia-se ao longo das naves o sussurro das oracoes.

So mestre Ouguet ficou sem se bulir com o rosto mettido entre as maos.

O prior lancou a estola a roda do pescoco do possesso, e queria atar os tres nos do ritual; mas o paciente deu um estremecao, e tirando as maos da cara, fez um gesto de horror, e gritou:

"Frade abominavel, tambem tu es conluiado com o cego?"

"Nao ha duvida!—disse por entre os dentes o prior:—mestre Ouguet esta endemoninhado."

Tirando entao da manga um pergaminho, em que estavam escriptas varias cousas de doutrina, o poz sobre a cabeça do mestre, fazendo sobre elle tres vezes o signal da cruz.

David Ouguet soltou entao uma destas risadas nervosas, que horrorisam, e que tao frequentes sao quando o padecimento moral sobrepuja as forcas da natureza.

"Cao tinhoso—bradou Fr. Lourenco—espirito das trevas, enganador, maldicto, luxurioso, insipiente, ebrio, serpe, vibora, vil e refece demonio, emfim, castelhano[2]. Em nome do creador e senhor de todas las cousas, te mando que repitas o credo, ou saias deste miseravel corpo."

Mestre Ouguet ficou immovel e calado.

"Nao cedez?!"—proseguiu o prior—"Recorrerei ao septimo, ao mais terrivel exorcismo. Veremos se poderas a teu salvo escarnecer das creaturas feitas a imagem e semelhanca de Deus."

Depois de varias ceremonias e oracoes, Fr. Lourenco chegou-se ao pobre irlandez, e comecou a repetir o conjuro, fazendo-lhe uma cruz sobre a testa a cada uma das seguintes palavras, que proferia lentamente:

"Hel—Heloym—Heloia—Sabaoth—Helyon—Esereheye—Adonay—Iehova— Ya—Thetagrammaton—Saday—Messias—Hagios—Ischiros—Otheos— Athanatos—Sother—Emanuel—Agla—....."

"Jesus!"—bradou a uma voz toda a gente que estava na igreja.

"Diabo!"—gritou mestre Ouguet; e caiu no chao como morto.

E houve um momento de angustia e terror, em que todos os coracoes deixaram de bater, e em que todos os olhos, bracos e pernas ficaram fixos como se fossem de bronze.

Um ruido semelhante ao de cem bombardas, que se houvessem disparado dentro do mosteiro, e que soara da banda da sacristia, tinha arrancado aquelle grito de mil bocas, e tinha convertido em estatuas essa multidao de povo.

Ha situacoes tao violentas, que se durassem, a morte se lhes seguiria em breve; mas a providente natureza parece restaurar com dobrada energia o vigor physico e espirital do homem depois destes abalos espantosos; e entao, melhor que nunca, elle sente em si que, posto que despenhado, não perdeu a sublimidade da sua origem divina. A reaccao segue a accao; e quanto mais timido o individuo se mostrou, mais viva e a consciencia da propria forca, que depois disso renasce com o destemor e ousadia.

Foi o que succedeu a D. João I, aos cavalleiros do seu sequito, e ao povo que estava na igreja de Sancta Maria, passado aquelle instante de sobrenatural pavor. A terribilidade da cerimonia que Fr. Lourenco practicava; o ruido inesperado que rompera o exorcismo; o grito blasphemo do architecto, no momento de cahir por terra; o logar; a hora, eram cousas que, reunidas, fariam pedir confissao a uma grande manada de philosophos encyclopedistas, e que por isso, não e de admirar fizessem uma impressao vivissima em homens de um seculo, não so crente, mas tambem supersticioso. Todavia o animo indomavel do Mestre d'Aviz brevemente fez cobrar alento a todos os que ahi estavam.

"E, em verdade, descommunal maravilha o que temos visto e ouvido—disse elle com voz firme, voltando-se para os que o rodeavam;—mas cumpre indagar d'onde procede o ruido que veiu interromper o mui devoto padre prior no exercicio de seu ministerio tremendo. Soou esse medonho estampido da banda do claustro: vamos examinar o que seja: se diabolico, estamos na casa de Deus, e a cruz e nosso amparo: se natural, que houvera no mundo capaz de por espanto em cavalleiros portuguezes?"

Dizendo isto, elrei desceu do estrado, e encaminhou-se para a sacristia. Os cavalleiros da comitiva, os frades, os tres reis magos (que ainda estavam em pe sobre o tablado) e uma grande parte do povo tomaram o mesmo caminho.

Elrei ia adiante, e o prior era o que mais de perto o seguia. Cruzaram o arco gothico, que dava communicação para a sacristia: ahi tudo estava em silencio: uma lampada que pendia do tecto dava uma luz frouxa e mortica, e a esta luz incerta e bacia encaminharam-se para a porta do capitulo. Ao chegar a ella todos recuaram de espanto, e um segundo grito soou, e veiu morrer sussurrando pelas naves da igreja quasi deserta:

"Jesus!"

As portas haviam estourado nos seus grossissimos gonzos, e muito cimento solto e pedras quebradas tinham rolado pelo portal fora, entulhando-lhe quasi um terco da altura. Olhando para o interior daquella immensa quadra não se viam senao enormes fragmentos de cantos lavrados, de lacarias, de cornijas, de voltas e de relevos: a lua, que passava tranquilla nos ceus, reflectia o seu clarao pallido sobre este montao de ruinas semelhantes aos monumentos irregulares de um cemiterio christao; e por cima daquelle temoroso silencio passava o frio leste da noite, e vinha bater nas faces turbadas dos que apinhados na sacristia contemplavam este lastimoso espectaculo. Dos olhos d'elrei e de Fr. Lourenco cahiram algumas lagrymas, que elles debalde tentavam reprimir.

A abobada do capitulo, acabada havia vinte e quatro boras, tinha desabado em terra!

CAPÍTULO IV: Um Rei Cavalleiro

Em uma quadra das que serviam de aposentos reaes no mosteiro da Batalha, a roda de um bufete de carvalho de lavor antigo, cujos pes, torneados em linha espiral, eram travados por uma especie de escabello, que pelos topos se embebia nelles, estavam assentadas varias personagens daquellas com quem o leitor já tractou nos antecedentes capitulos. Eram estas D. João I, Fr. Lourenco Lamprea, e o

procurador Fr. Joanne. Elrei estava a cabeceira da mesa, e no topo fronteiro o prior, tendo a sua esquerda Fr. Joanne. Alem destes, outros individuos ahi estavam, que as pessoas lidas nas chronicas deste reino tambem conhecerao: taes eram os doutores João das Regras e Martim d'Ocem do conselho d'elrei, cavalleiros mui graves e auctorisados, e afora elles mais alguns fidalgos, que D. João I particularmente estimava. Atraz da cadeira d'elrei um pagem esperava, em pe, as ordens de seu real senhor. O quadrante do terrado contiguo apontava meio-dia.

Em cima do bufete estava estendido um grande rolo de pergaminho, no qual todos os olhos dos circumstantes se fitavam: era a traca ou desenho do mosteiro, que delinear a mestre Affonso Domingues, onde, alem dos prospectos geraes do edificio, illuminados primorosamente, se viam todos os cortes e alcados de cada uma das partes dessa complicada e maravilhosa fabrica. Elrei tinha a mao estendida, e os dedos sobre o risco da casa capitular, ao passo que falava com o prior:

"Parece impossivel isso; porque natural desejo e de todos os homens alcancarem repouso e pao na velhice, e não vejo razao para mestre Affonso se doer da merce que lhe fiz."

"Pois a conversação que vos relatei, tive-a com elle ainda hontem, pouco antes de vossa merce chegar."

"E como vae David Ouguet?—perguntou elrei.

"Com grande melhoria:—respondeu o prior.—Dormiu bom espaço, e acordou em seu juizo. Contou-me que, entrando hontem apos nos na casa do capitulo, e affirmando a vista na abobada, conhecera que tinha gemido, e estava a ponto de desabar; que sentira apertar-se-lhe o coração, e que com a sua affliccao correra pela crasta fora como doudo; que no ceu se lhe affigurava um relampaguear incessante e medonho; que via ... nem elle sabe o que via, o pobre homem. Depois disso, diz que perdera o tino, e de nada mais se recorda."

"Nem dos exorcismos?—perguntou em meia voz Martim d'Ocem, com um sorriso malicioso.

"Nem dos exorcismos:—retrucou Fr. Lourenco no mesmo tom, mas subindo-lhe ao rosto a vermelhidao da colera.—A proposito, doutor. Dizem-me que Annequim e morto, e que elrei proveu o cargo em um dos de seu conselho. Seria verdadeira esta merce singular?"

E o frade media o letrado de alto a baixo com os olhos irritados. Este preparava-se para vibrar ao prior uma nova injuria indirecta, naquelle jogo de allusoes que era as delicias do tempo, quando elrei acenou ao pagem, dizendo-lhe:

"Alvaro Vaz d'Almada, ide depressa a morada d'Affonso Domingues, dizei-lhe que eu quero falar-lhe, e guiae-o para aqui. Fazei isso com tento; e lembrae-vos de que elle e um antigo cavalleiro, que militou com vosso mui esforçado pae."

O pagem saiu a cumprir o mandado d'elrei.

"Dizeis vos—proseguiu este, dirigindo-se a João das Regras e a Martim d'Ocem—que talvez Affonso Domingues se enganasse em suppor que era possivel fazer uma abobada tao pouco erguida, como e a que elle tracou para o capitulo. não creio eu que tao entendido architecto assim se enganasse: mais inclinado estou a persuadir-me de que o lastimoso successo de hontem a noite procedesse da grave falta commettida por mestre Ouguet nesta edificação."

"E que falta foi essa, se a vossa merce apraz dizer-m'o?—replicou João das Regras.

"A de não seguir de todo ponto o desenho de mestre Affonso:—tornou elrei.

"E se a execucao de sua traca fosse impossivel?—acudiu o doutor.

"Impossivel!?"—atalhou elrei.—"E não contava elle com leva-la a effeito, se Deus o não tolhesse dos olhos?"

"E e disso que mais se doe mestre Affonso,"—interrompeu o prior.—"A sua grande canseira e que ninguem sabera continuar a edificação do mosteiro, ou, como elle diz, proseguir a escriptura do seu livro de pedra, porque ninguem e capaz de entender o pensamento que o dirigiu na concepção delle."

"Roncarias e feros sao esses proprios de quem foi homem d'armas de Nunalvares:—disse o chanceller

João das Regras.—Todos os de sua bandeira são como elle. Porque sabem jogar boas lançadas, teem-se em conta de príncipes dos discretos; e o cego não se esqueceu ainda de que comeu da caldeira do condestavel."

João das Regras, emulo de Nunalvares, não perdeu este ensejo de lhe por pecha; mas D. João I que conhecia serem esses dous homens as pedras angulares de seu throno, escutava-os sempre com respeito, salvo quando falavam um do outro; posto que o condestavel, homem mais de obras que de palavras, raras vezes menoscabava os meritos do chancellor, contentando-se com lancar na balança, em que João das Regras mostrava o grande peso da sua penna, o montante com que elle Nunalvares tinha em cem combates salvado a patria do dominio estranho, e a cabeça do chancellor das mãos do carrasco, de que não o livrariam nem os graus de doutor de Bolonha, nem os textos das leis romanas.

"Deixae la o condestavel, que não vem ao intento;—disse elrei:—o que me importa e ouvir mestre Affonso sobre este caso. Quizera antes perder um recontro com castelhanos, do que cuidar que o capitulo de Sancta Maria da Victoria ficara em ruinas. Mestre Ouguet com sua arte deixou-lhe vir ao chão a abobada: se Affonso Domingues for capaz de a tornar a erguer, e deixa-la firme, concluirei d'ahi que vale mais o cego que o limpo de vista; e digo-vos que o restituirei ao antigo cargo, ainda que esteja, além de cego, copo e mouco."

Neste momento entrava o velho architecto, agarrado ao braco de Alvaro Vaz d'Almada, que o veiu guiando para o topo da desmesurada banca de carvalho, a roda da qual se travara o dialogo, que acima transcrevemos.

"Dom donzel, onde e que esta elrei?"—dizia Affonso Domingues ao pagem, caminhando com passos incertos ao longo do vasto aposento.

D. João I, que ouvira a pergunta, respondeu em vez do pagem:

"Agora nenhum rei esta aqui, mas sim o Mestre d'Aviz, o vosso antigo capitao, nobre cavalleiro de Aljubarrota."

"Beijo-vos as mãos, senhor rei, por vos lembrardes ainda de um velho homem de armas, que para nada presta hoje. Vede o que de mim mandaes; porque de vossa ordem aqui me trouxe este bom donzel."

"Queria ver-vos e falar-vos; que de coração vos estimo, honrado e sabedor architecto do mosteiro de Sancta Maria."

"Architecto do mosteiro de Sancta Maria, já o não sou; vossa merce me tirou esse encargo: sabedor, nunca o fui, pelo menos muitos assim o creem, e alguns o dizem: dos titulos que me daes so me cabe hoje o de honrado; que esse, merce de Deus, e meu, e fora infamia rouba-lo a quem já não pode pegar em um montante para defende-lo."

"Sei, meu bom cavalleiro, que estaes mui torvado comigo por dar a outrem o cargo de mestre das obras do mosteiro: n'isso cria eu fazer-vos assignalada merce. Mas venhamos ao ponto: sabeis que a abobada do capitulo desabou hontem a noite?"

"Sabia-o, senhor, antes do caso succeder."

"Como e isso possivel?!"

"Porque todos os dias perguntava a alguns desses poucos obreiros portuguezes que ahi restam, como ia a feitura da casa capitular: no desenho della pozera eu todo o cabedal de meu fraco ingenho, e este aposento era a obra prima de minha imaginação: por elles soube que a traca primitiva fora alterada, e que a junctura das pedras era feita por modo diverso do que eu tinha apontado: prophetisei-lhes entao o que havia de acontecer. E—acrescentou o velho com um sorriso amargo—muito fez já o meu successor em por tal arte lhe por o remate, que não desabasse antes das vinte e quatro horas."

"E tinheis vos por certo que se vossa traca se houvera seguido, essa desmesurada abobada não viria a terra?"

"Se estes olhos não tivessem feito com que eu fosse posto de banda como uma carta de testamento antiga, que se atira, por inutil, para o fundo de uma arca, a pedra do fecho dessa abobada não teria de

vir esmigalhar-se no pavimento antes de sobre ella pesarem muitos seculos; mas os de vosso conselho julgaram que um cego para nada podia prestar."

"Pois se ousaes levar a cabo vosso desenho, eu ordeno que o facaes, e desde já vos nomeio de novo mestre das obras do mosteiro, e David Ouguet vos obedecera."

"Senhor rei—disse o cego, erguendo a fronte, que ate alli tivera curvada:—vos tendes um sceptro e uma espada; tendes cavalleiros e besteiros; tendes ouro e poder: Portugal e vosso, e tudo quanto elle contem, salvo a liberdade de vossos vassallos: nesta nada mandaes. não!... vos digo eu: não serei quem torne a erguer essa derrocada abobada! Os vossos conselheiros julgaram-me incapaz d'isso: agora elles que a alevantem."

As faces de D. João I tingiram-se do rubor do despeito.

"Lembrae-vos, cavalleiro,—disse elle—de que falaes com D. João I."

"Cuja coroa—acudiu o cego—lhe foi posta na cabeça por lancas, entre as quaes reluzia o ferro da que eu brandia. D. João I e assaz nobre e generoso, para não se esquecer de que nessas lancas estava escripto:—os vassallos portuguezes sao livres."

"Mas—tornou elrei—os vassallos que desobedecem aos mandados daquelle em cuja casa tem acostamento, podem ser privados de sua moradia..."

"Se dizeis isso pela que me destes, tirae-m'a; que não vo-la pedi eu. não morrerei de fome; que um velho soldado de Aljubarrota achara sempre quem lhe esmole uma mealha; e quando haja de morrer a mingua de todo humano soccorro, bem pouco importa isso a quem ve arrancarem-lhe, nas bordas da sepultura, aquillo por que trabalhou toda a vida, um nome honrado e glorioso."

Dizendo isto, o velho levou a manga do gibao aos olhos bacos, e embebeu nella uma lagryma mal sustida. Elrei sentiu a piedade coar-lhe no coração comprimido de despeito, e dilatar-lh'o suavemente. Uma das dores d'alma, que em vez de a lacerar a consolam, e sem duvida a compaixao.

"Vamos, bom cavalleiro,—disse elrei pondo-se em pe—nao haja entre nos doestos. O architecto do mosteiro do Sancta Maria vale bem o seu fundador! Houve um dia em que nos ambos fomos pelejadores: eu tornei celebre o meu nome, a consciencia m'o diz, entre os principes do mundo, porque segui avante por campos de batalha; ella vos dira tambem que a vossa fama sera perpetua, havendo trocado a espada pela penna, com que tracastes o desenho do grande monumento da independencia e da gloria desta terra. Rei dos homens do acceso imaginar, não desprezeis o rei dos melhores cavalleiros, os cavalleiros portuguezes! Tambem vos fostes um delles; e negar-vos-heis a proseguir na edificação desta memoria, desta tradicao de marmore, que ha-de recordar aos vindouros a historia de nossos feitos? Mestre Affonso Domingues, escutae os ossos de tantos valentes, que vos accusam de trahirdes a boa e antiga amizade: vem de todos os valles e montanhas de Portugal o soido desse queixume de mortos; porque, nas contendas da liberdade, por toda a parte se verteu sangue e foram sementeados cadaveres de cavalleiros! Eia, pois: se não perdoaes a D. João I uma supposta affronta, perdoae-a ao Mestre d'Aviz, ao vosso antigo capiiao, que em nome da gente portugueza vos cita para o tribunal da posteridade, se refusaes consagrar outra vez a patria vosso maravilhoso ingenho, e que vos abraça como antigo irmao nos combates, porque certo cre que não quereis perder na vossa velhice o nome de bom e honrado portuguez."

Elrei parecia grandemente commovido, e talvez involuntariamente, lancou um braco ao redor do pescoco do cego, que soluçava e tremia sem soltar uma so palavra.

Houve uma longa pausa: todos se tinham posto em pe quando elrei se erguera, e esperavam anciosos o que diria o velho. Finalmente este rompeu o silencio:

"Vencestes, senhor rei, vencestes!... A abobada da casa capitular não ficara por terra. Oh meu mosteiro da Batalha, sonho querido de quinze annos de vida entregues a cogitacoes, a mais formosa das tuas imagens sera realisada, sera duradoura como a pedra em que vou estampa-la! Senhor rei, as nossas almas entendem-se: as unicas palavras harmoniosas e inteiramente suaves, que tenho ouvido ha muitos annos, sao as que vos sairam da boca: so D. João I comprehende Affonso Domingues; porque so elle comprehende a valia destas duas palavras formosissimas, palavras de anjos—patria e

gloria. A passada injuria a vossos conselheiros a attribui sempre, que não a vos, posto que de vos, que ereis rei, me queixasse: varre-la-hei da memoria, como o entalhador varre as lascas e a pedra moida pelo cinzel de cima do vulto, que entalhou em fuste de columna arrendada. Que me restituam os meus officiaes e obreiros portuguezes; que portuguez sou eu, portugueza a minha obra! De hoje a quatro mezes podeis voltar aqui, senhor rei, e ou eu morrerei, ou a casa capitular da Batalha estara firme, como e firme a minha crenca na immortalidade e na gloria."

Elrei apertou entao entre os bracos o bom do cego, que procurava ajoelhar a seus pes. Era a attracao de duas almas sublimes, que voavam uma para a outra. Por fim D. João I fez um signal ao pagem, que se aproximou:

"Alvaro Vaz, acompanhae este nobre cavalleiro a sua pousada. E vos, mestre mui sabedor, ide repousar: dentro de quinze dias vossos antigos officiaes terao voltado de Guimaraes para cumprirem o que mandardes. Mui devoto padre prior,—continuou elrei, voltando-se para Fr. Lourenço—entendei que d'ora avante Affonso Domingues, cavalleiro de minha casa, torna a ser mestre das obras do mosteiro de Sancta Maria da Victoria, em quanto assim lhe aprouver."

O prior fez uma profunda reverencia.

A alegria tinha tolhido a voz do architecto: diante de toda a corte elrei o havia desaffrontado, e ja, sem desdouro, podia acceitar o encargo de que o tinham despojado. Com passos incertos, e seguro ao braco do pagem, saiu do aposento, feita venia a elrei.

Este deu immediatamente ordem para a partida; e quando todos iam saindo, o prior chegou-se ao velho chancellor, e disse-lhe em tom submisso:

"Doutor Johannes a Regulis, espero que narreis fielmente a rainha o que succedeu, e a certifiqueis de quanto me custa ver tirada a regua magistral a mestre Ouguet..."

"Foi—tornou o politico discipulo de Bartholo—mais uma facanha de D. João I: comecou por brigar com um louco, e acabou abraçando-o, por lhe ver derramar uma lagryma. Bem trabalho por fazer do Mestre de Aviz um rei; mas sae-me sempre cavalleiro andante. não lhe succedera isto se, em vez de passar a mocidade em pelejas, a houvera passado a estudar em Bolonha. Tendo-lhe dicto mil vezes que e preciso lisongear os inglezes, porque carecemos delles: a tudo me responde com dizer que com Deus e o proprio montante tem em nada Castella: todavia a gente ingleza ufanava-se de ser David Ouguet o mestre desta edificação; e que importava que ella fosse mais ou menos primorosa a troco de contentarmos os que comnosco estao liados? Quanto a vos, reverendo prior, ficae descancado: tudo fia a rainha de vossa prudencia, que e muita, posto que não vistes Bolonha. Vamos, reverendissimo."

A corte já tinha saido; e os dous velhos seguiram-na ao longo daquellas arcadas, conversando um com o outro em voz baixa.

CAPÍTULO V: O Voto Fatal

Rica de galas, a primavera tinha vestido os campos da Estremadura do vico de suas flores: a madresilva, a rosa agreste, o rosmaninho, e toda a casta de boninas teciam um tapete odorifero e immenso por charnechas, comoros, e sapaes, e pelo chao das matas e florestas, que agitavam as fronte somnolentas com a brisa de manhan purissima, mostrando aos olhos um baloucar de verdura compassado com o das searas rasteiras, que mais longe, pelas veigas e outeiros, ondeavam suavemente. Eram sete de Maio da era de Cesar de 1439, ou, como os letrados diziam, do anno da redempção, 1401. Quatro mezes certos se contavam nesse dia, depois daquelle em que, n'uma das quadras do aposento real no mosteiro da Batalha, se passara a scena, que no antecedente capitulo narramos, e que extrahimos do famoso manuscripto mencionado no capitulo II, com aquella pontualidade e verdade, com que o grande chronista F. Bernardo de Brito citava so documentos innegaveis e auctores certissimos, e com aquella imparcialidade e exaccão, com que o philosopho de

Ferney referia e avaliava os factos em que podia interessar a religião christã.

Assistiu o leitor a promessa que mestre Affonso Domingues fez a D. João I de que dentro de quatro mezes lhe daria posto o remate na abobada da casa capitular de Sancta Maria da Victoria, e lembrado estava de como elrei lhe promettera, tambem, mandar vir de Guimaraes todos os officiaes portuguezes, que, despedidos da Batalha por mestre Ouguet como menos habilidosos que os estrangeiros, haviam sido mandados para a obra, posto que grandiosa, menos importante de Sancta Maria da Oliveira, hoje desaportuguesada e caiada e dourada e mutilada pelo mais barbaro abuso da riqueza e da ignorancia clerical. A palavra do Mestre d'Aviz não voltara atraz, não por ser palavra de rei, mas por ser palavra de cavalleiro portuguez daquelles tempos, em que tao nobres affectos e instinctos havia nos coracoes de nossos avos, que de bom grado lhes devemos perdoar a rudeza. Tendo partido de Alcobaca para Guimaraes, onde nesse anno se ajunctavam cortes, apenas ahi chegara tinha mandado partir para Sancta Maria da Victoria os officiaes e obreiros mais entendidos, que vieram apresentar-se a mestre Affonso.

Este, resolvido tambem a cumprir o promettido, metter a maos a obra. O capitulo foi desentulhado: aproveitaram-se as pedras da primeira edificação que era possivel aproveitar, lavraram-se outras de novo, armaram-se os simples, e muito antes do dia aprazado o fecho ou remate da abobada repousava no seu lugar.

Durante estes quatro mezes os successos politicos tinham trazido D. João I a Santarem, onde se fizera prestes com bom numero de lancas, besteiros, e peoes para ir ajunctar-se com o Condestavel, e entrarem ambos por Castella, cuja guerra tinha recommecado, por se haverem acabado as treguas. Para esta entrada se apparelhara elrei com uma lustrosa companhia de seus cavalleiros, e caminhando pela margem direita do Tejo, acampara juncto a Tancos, onde se havia de construir uma ponte de barcas para passar o exercito, e seguir avante ate o Crato, que era o logar aprazado com o Condestavel, para junctos irem dar sobre Alcantara.

Em Val-de-Tancos estava assentado o arraial da hoste d'elrei: os petintaes, que tinham vindo de Lisboa, trabalhavam na ponte de barcas, que se deviam lancar sobre o Tejo; os besteiros limpavam suas bestas, e folgavam em luctas e jogos; os cavalleiros corriam pontas, atiravam ao tavolo, monteavam, ou matavam o tempo em banquetes e beberrias. Tinham chegado aquelle sitio a cinco de Maio, e no seguinte dia elrei partira afforradamente para a Batalha, porque não se esquecera de que os quatro mezes, que pedira Affonso Domingues para alevantar a abobada, eram passados, e fora avisado por Fr. Lourenco de que a obra estava acabada, mas que o architecto não quizera tirar os simples senao na presença d'elrei.

Antes de partir de Lisboa, D. João mandara sair dos carceres, em que jaziam, bom numero de criminosos e de captivos castelhanos, que, com grande pasmo dos povos, e rodeados por uma grossa manga de besteiros, tomaram o caminho da Batalha, sem que ninguem aventasse o motivo d'isto. Todavia elle era obvio: elrei pensou que, assim como a abobada do capitulo desabara da primeira vez, passadas vinte quatro horas depois de desamparada, podia agora derrocar-se em cima dos obreiros no momento de lhe tirarem os prumos e travezes sobre que fora edificada. Sollicito pela vida de seus vassallos; parente do povo por sua mae, e crendo por isso que a morte de um popular tambem tinha seu trance de agonia, e que lagrymas de orphaos pobres eram tao amargas, ou porventura mais que as de infantes e senhores, não quiz que se arriscassem senao vidas condemnadas, ou pela guerra, ou pelos tribunaes, e que naquella se tinham remido pela covardia, e nestes pela piedade ou antes esquecimento dos juizes. E se da primeira vez lhe não occorrera esta idea, fora porque tambem na memoria de obreiros portuguezes não havia lembrança de ter desabado uma abobada apenas construida.

Seguido so por dous pagens, D. João I atravessou a villa de Ourem pelas horas mortas do quarto de modorra, e antes do meio-dia apeou-se a portaria do mosteiro.

Os officiaes, que trabalhavam em varios labores, pelos telheiros e casas ao redor do edificio, viram passar aquelle cavalleiro e os dous pagens, mas não o conheceram: D. João I vinha cuberto de todas as pecas, e ao galgar o ginete pelo outeiro abaixo, tinha descido a viseira.

"Benedicite!—dizia elrei, batendo devagarinho a porta da cella de Fr. Lourenco.

"Pax vobis, domine!—respondeu o prior que logo conheceu elrei, e veio abrir a porta.

"Nao vos incommodeis, reverendissimo—disse D. João, entrando na cella, e sentando-se em um tamborete.—Deixae-me resfolegar um pouco, e dae-me uma vez de vinho."

"Nao vos esperava tao de salto;—tornou Fr. Lourenco: e abrindo um armario, tirou d'elle uma borracha e um cangirao de madeira, que encheu de vinho, e pegando com a esquerda em uma escudela de barro de Estremoz cheia de uma especie de bolo feito de mel, ovos, e flor de farinha, apresentou a elrei aquella collação.

"Excellent almoco:—dizia elrei, descalcando o guante ferrado, e cravando a espacos os dedos dentro da escudela, d'onde tirava bocados do bolo, que ajudava com alentados beijos dados no cangirao. Depois que cessou de comer, limpando a mao ao forro do tonelete, poz-se em pe, em quanto Fr. Lourenco guardava os despojos daquella batalha:

"Bofe—disse D. João, rindo—que não ando a meu talante, senao com o arnez as costas! Cada vez que o visto, parece-me que torno a mocidade, e que sou o Mestre d'Aviz, ou antes o simples cavalleiro, que, confiado so em Deus, corria solto pelo mundo, monteando edomas inteiras, e tendo sobre a consciencia so os peccados de homem, e não os escrupulos de rei."

"E entao—atalhou o prior—o vosso confessor Fr. Lourenco era um pobre frade, cujos unicos cuidados se encerravam em saber as horas do coro, e em ler as sagradas escripturas, porem que hoje tem de velar muitas noites, pensando no modo de não deixar affrouxar a disciplina e boa governanca de tao alteroso mosteiro. Mas, segundo vosso recado, que hontem recebi, vindes para assistir ao tirar dos simples da mui famosa abobada, o que mestre Domingues aporfia em so fazer perante vos?"

"A isso vim, porem de espaco; que não sera nestes cinco dias, que esteja prompta a ponte de barcas, que mandei lancar no Tejo para passar minha hoste. Durante elles, com vossos mui religiosos frades me apparelharei para a guerra, enthesourando oracoes e recebendo absolvicao de meus erros."

"Os principes pios—acudiu o prior com ar de compuncao—sao sempre ajudados de Deus, principalmente contra herejes e scismaticos, como os perros dos castelhanos, que a Virgem Maria da Victoria confunda nos infernos."

"Amen!—respondeu devotamente elrei.

"Avisarei, pois, mestre Affonso de vossa vinda, para que mande por tudo em ordenanca de se tirarem os simples: elle me pediu que o mandasse chamar apenas fosseis chegado."

Fr. Lourenco saiu, e d'ahi a pouco voltou acompanhado do architecto, que um rapaz guiava pela mao.

"Guarde-vos Deus, mestre Affonso Domingues!—disse elrei, vendo entrar o cego—Aqui me tendes para ver acabada a feitura da mirifica abobada do capitulo de Sancta Maria, cujos simples não quizestes tirar senao em minha presencia."

"Beijo-vo-las, senhor rei, pela merce: dous votos fiz se levasse a cabo esta feitura; era esse um d'elles..."

"E o outro?—atalhou elrei.

"O outro, dir-vo-lo-hei em breve; mas por ora permitti que para mim o guarde."

"Sao negocios de consciencia:—acudiu o prior.—Elrei não quer, por certo, fazer-vos quebrar vosso segredo."

D. João I fez um signal de assentimento ao parecer do seu antigo padre espirital.

Elrei, o prior, e o architecto ainda se demoraram um pedaco falando acerca da obra, e do que cumpria fazer no proseguimento della; mas o cego dissera o que quer que fora em voz baixa ao rapaz que o acompanhava, o qual saira immediatamente, e que so voltou quando os tres acabavam a conversação.

"Fernaõ d'Evora—disse o cego, sentindo-o outra vez ao pe de si—fizeste o que te ordenei, e deste a teu tio Martim Vasques o meu recado?"

"Senhor, si! Envia-vos elle a dizer que tudo esta prestes."

"Entao vamos a ver se desta feita temos mais perduravel abobada."

Isto dizia elrei saindo da cella de Fr. Lourenco, e seguindo ao longo do claustro. já a este tempo se tinha espalhado no mosteiro a nova da sua chegada, e os frades comecavam de ajunctar-se para o cortejarem. Do mosteiro rompera a noticia, e se espalhara na povoação, aonde concorrera muita gente dos arredores, principalmente de Aljubarrota, por ser dia de mercado: de modo que quando elrei desceu a crasta já alli se achavam apinhados homens e mulheres, que queriam ve-lo, e ainda mais saber se desta vez a abobada vinha ao chao, para terem que contar aos vizinhos e vizinhas da sua terra.

As portas da casa do capitulo estavam abertas: via-se dentro della tal machina de prumos, travezes, andaimes, cabrestantes, escadas, que bem se podera comparar a composicao daquelles simples a fabrica do mais delicado relógio. A porta, que dava para a crasta, estava um homem em pe, que se desbarretou apenas viu elrei, a cuja direita vinha o architecto, seguido por Fr. Lourenco e por outros frades.

O pequeno Fernao d'Evora disse algumas palavras a Affonso Domingues, o qual lhe respondeu em voz baixa. Entao o rapaz acenou ao homem desbarretado, que se chegou timidamente ao cego. Era um mancebo, que mostrava ter de idade, ao mais, vinte cinco annos; de rosto comprido, tez queimada, nariz aquilino, olhos pequenos e vivos. Chegando-se ao cego, este o tomou pela mao, e voltando-se para elrei, disse:

"Aqui tendes, senhor, a Martim Vasques, o melhor official de pedraria que eu conheco; o homem que, com mais alguns annos de experiencia, sera capaz de continuar dignamente a serie dos architectos portuguezes."

"E debaixo de meu especial amparo estara Martim Vasques—respondeu elrei—que por honrado me tenho com haver em meus senhorios homens que vos imitem."

Ainda bem não eram acabadas estas palavras, sentiu-se um sussurro entre o povo, que girava livremente pela crasta, e que se enfileirou aos lados: chegava a gente que devia tirar os simples.

Entre duas alas de besteiros vinha um bom numero de homens, magros, pallidos, rotos e descalcos: o porte de alguns era altivo, e em seus farrapos se divisava a razao d'isso: eram besteiros castelhanos, que em diversos recontros e pelejas tinham cahido nas maos dos portuguezes. As guerras entre Portugal e Castella assemelhavam-se as guerras civis de hoje: para vencidos não havia nem caridade, nem justica, nem humanidade: ser mettido em ferros era entao uma ventura para o pobre prisioneiro; porque os mais delles morriam assassinados pelo povo desenfreado, em vinganca dos maus tractos que em Castella padeciam os captivos portuguezes. Com os castelhanos vinham d'envolta varios criminosos condemnados a morte por suas malfeitorias.

"Misericordia!—bradou toda aquella multidao, ao passar por elrei: e cahiram de brucos sobre as lageas do pavimento.

"Comvosco a tenho, mesquinha gente:—disse elrei commovido—Se tirardes os simples, que vedes acolá, a abobada não desabar sobre vos, soltos e livres sereis. Erguei-vos, e confiae na sciencia do grande architecto que fez essa mirifica obra. Mandar-vos comprar vossa soltura a custo de tao leve risco, quasi que e o mesmo que perdoar-vos."

Os presos ergueram-se; mas a tristeza lhes ficou embebida no coração, e espalhada nas faces: o terror fazia-lhes crer que já sentiam ranger e estalar as vigas dos simples, e que, as primeiras pancadas, as pedras desconformes da abobada, desatando-se da immensa volta, os esmagariam, como o pe do quinteiro esmaga a lagarta enroscada na planta viscosa do horto.

Neste momento quatro forcosos obreiros chegaram a porta do capitulo, trazendo sobre uma paviola uma grande pedra quadrada. Martim Vasques, que já la estava, gritou ao cego architecto:

"Mui sabedor mestre Affonso, que quereis se faca do canto, que para aqui mandastes trazer?"

"Assentae-o bem debaixo do fecho da abobada, no meio desse claro, que deixam os prumos centraes dos simples."

Os obreiros fizeram o que o architecto mandara: este entao voltou-se para elrei, e disse:

"Senhor rei, e chegado o momento de vos declarar meu segundo voto. Pelo corpo e sangue do Redemptor jurei que, assentado sobre a dura pedra, debaixo do fecho da abobada, estaria sem comer nem beber durante tres dias, desde o instante em que se tirassem os simples. De cumprir meu voto ninguem podera mover-me. Se essa abobada desabar, sepultar-me-ha em suas ruinas: nem eu quizera encetar, depois de velho, uma vida deshonorada e vergonhosa. Esta e a minha firme resolucao."

Dizendo isto, o cego travou com forca do braco de Fernao d'Evora, e encaminhou-se para a porta do capitulo.

"Esperae, esperae!—bradou elrei.—Estaes louco, dom cavalleiro? Quem, se vos morrerdes, continuara esta fabrica, tao formosa filha de vosso engenho?"

"Mestre Ouguet:—tornou o cego, parando.—Nao sou tao vil que negue seu saber e habilidade: se a abobada desabar segunda vez, ninguem no mundo e capaz de a fechar com uma so volta, e para a firmar sobre uma columna erguida no centro, mestre Ouguet o fara. Quanto ao resto do edificio, fazei senhor rei que se prosiga meu desenho: e o que ora vos peço tao somente."

E o velho e o seu guia sumiram-se por entre as bastas vigas, que sustinham as traves dos simples: elrei, Fr. Lourenco, e os mais frades ficaram atonitos e calados.

"Que tao honrado mestre corra parelhas no risco com esses perros castelhanos cousa e que se não pode soffrer: mas o voto e voto, senao..."

Estas palavras partiam da boca d'uma gorda velha, cuja tez avermelhada dava indicios de compleicao sanguinea e irritavel, e que de maos mettidas nas algibeiras, na frente de uma das alas do povo presenceava o caso.

"Tendes razao, tia Brites d'Almeida; e por ser voto me calo eu:—acudiu elrei, voltando-se para a velha.—Mas juro a Christo, que estou espantado de so agora vos ver! Porque me não viestes falar?"

"Perdoe-me vossa merce:—replicou a velha.—Eu vim trazer pao a feira, e ahi souhe da chegada de vossa real senhoria. Corri ... se eu correria para vos falar! Mas estas bocas abertas não me deixaram passar. Abrenuncio! Depois estive a olhar... Parecieis-me carregado de semblante. Que e isso? Temos novas voltas com os excommungados castelhanos? Se assim e, trosquiae-mos outra vez por Aljubarrota, que a pa não se quebrou nos sete que mandei de presente ao diabo, e ainda la esta para o que der e vier."

Soltando estas palavras, a velha tirou as maos das algibeiras, e cerrando os punhos, ergueu os bracos ao ar, com os meneios de quem já brandia a tremebunda e patriotica pa de forno, que hoje e gloria e brasao da gothica villa de Aljubarrota.

"Podeis dormir descancada, tia Brites:—respondeu elrei, sorrindo-se.—Bem sabeis que sou portuguez e cavalleiro, e a gente de nossa terra e cortez: elrei de Castella veio visitar-nos varias vezes: e agora eu ando na demanda de lhe pagar com usura suas visitacoes."

Em quanto este dialogo se passava entre o heroe de Aljubarrota e a sua poderosa alliada, Martim Vasques tinha posto tudo a ponto; e dando as suas ordens da porta, as primeiras pancadas de martello, batendo nos simples, resoaram pelo ambito da casa capitular. Fez-se um grande silencio e todos os olhos se cravaram em Martim Vasques.

Passada uma hora, aquelle montao de vigas, barrotes, taboas, cambotas, cabrestantes, reguas e travessas tinha passado pela crasta fora em collos de homens: os presos tinham sido postos em liberdade, com grande raiva da tia Brites ao ver ir soltos os besteiros castelhanos; e so no centro da ampla quadra se via uma pedra, sobre a qual, mudo e com a cabeça pendida para o peito, estava assentado um velho.

A este velho rogava elrei, rogavam frades, rogava o povo, sem todavia se atreverem a entrar, que saisse d'alli; mas elle não lhes respondia nada. Desenganados, emfim, foram-se pouco a pouco retirando da crasta, onde ao por do sol comecou a bater o luar de uma formosa noite de Maio.

Tres dias se passaram assim. Mestre Affonso, assentado sobre a pedra fria, nem se quer cedera as

rogativas de Anna Margarida, que, obrigada pela boa amizade que tinha a seu amo, se atrevera a cruzar os perigosos umbraes do capitulo, para ver se o movia a tomar alguma refeicao: tudo recusou o cego: a sua resolucao era inabalavel. Tambem a abobada estava firme, como se fora de bronze. No terceiro dia a tarde elrei, que tinha passado o tempo em aparelhar-se para a guerra com actos de piedade, desceu a crasta acompanhado de Fr. Lourenco e de outros frades, e chegando a porta do capitulo viu Martim Vasques e Anna Margarida juncto a pedra fria de Affonso Domingues, e este pallido e com as palpebras cerradas encostado nos bracos delles.

O mancebo e a velha choravam e soluçavam, sem dizerem palavra.

"Que temos de novo?—perguntou elrei, chegando a porta, e vendo aquelles dous estafermos.— Completam-se ora os tres dias do voto: ainda mestre Affonso teimara em estar aqui mais tempo?"

"Nao senhor:—respondeu Martim Vasques, com palavras mal articuladas:—nao estara aqui mais tempo; porque seu corpo e heranca da terra; sua alma repousa com Deus."

"Morto!?"—bradaram a uma voz elrei e Fr. Lourenco; e correram para o cadaver do architecto, olhando, todavia, primeiro para a abobada com um gesto de receio.

"Nada temaes, senhores:—disse Martim Vasques—As ultimas palavras do mestre foram estas: a abobada não cahiu ... a abobada não cahira!"

O architecto, já velho, não pode resistir ao jejum absoluto a que se condemnara. No momento em que, ajudado por Martim Vasques e Anna Margarida, se quiz erguer cahiu moribundo nos bracos delles, e aquelle genio de luz mergulhou-se nas trevas do passado.

Elrei derramou algumas lagrymas sobre os restos do bom cavalleiro, e Fr. Lourenco resou em voz baixa uma oração fervente pela alma generosa, que ate o ultimo arranco escrevera sobre o marmore o hymno dos valentes de Aljubarrota.

Na pedra, sobre a qual Mestre Affonso expirara, ordenou elrei se tirasse, parecido quanto fosse possivel retratando-se um cadaver, o vulto do honrado architecto, e que esta imagem fosse collocada em um dos angulos da casa capitular, onde durante mais de quatro seculos, como as sphynxes monumentaes do Egypto, tem dado origem as mais desvairadas hypotheses e conjecturas. A pobre Anna Margarida, que ficava sem arrimo, doou D. João I, tambem, as casas em que o mestre morava, fazendo-lhe, alem disso, assignaladas merces.

Mestre Ouguet, pelo que o cego dissera a elrei acerca da sua capacidade para o substituir, e porque, emfim, era estrangeiro, foi logo restituído ao cargo que occupara, e quando nos serões do mosteiro alguém falava nos meritos de Affonso Domingues e na sua desastrada morte, cortava o irlandez a conversação, dizendo com um riso amarello:

"Olhem que foi forte perda!"